**TEORIAS AQUISICIONISTAS DA LINGUAGEM: UM OLHAR SOBRE O MENTALISMO¹**

Juliane Karoline Senna dos Santos²

Wyldna Florêncio Viana Câmara³

**RESUMO**

A linguagem possui muitas vertentes em estudo, uma faz referência à aquisição, como se começa a falar e a maneira como a fala vai sendo aperfeiçoada. Esta questão é tratada neste artigo. Diante das inúmeras teorias que explicam tal procedimento, optou-se em relatar sobre a Teoria Mentalista, que possui abordagens inatistas e racionalistas, além de ser chamada de Gerativa, também. Busca- se, por meio de dois questionamentos, discutir sobre a teoria que faz uma severa crítica ao Behaviorismo (outra teoria que tenta explicar sobre a aquisição da linguagem), rejeitando totalmente a tese. O caráter inatista da teoria Mentalista, abordada principalmente por Noam Chomsky, valoriza que as crianças possuem uma competência de adquirir informações linguísticas, sem a necessidade de experiências, devido receberem tais noções por herança genética. Necessitando da interação social apenas para receber um impulso e pôr em prática o que já sabem. Em sua teoria, Chomsky relata sobre algumas peculiaridades da mesma, como os estados da linguagem, inicial e estacionário, bem como sobre a GU e o input. Com os estudos de Radford, há explicações detalhadas sobre as fases da linguagem.

**Palavras-chave:** linguagem, mentalismo, Chomsky.

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho preocupa-se em responder a duas questões básicas: o problema lógico da aquisição da linguagem (em tempo relativamente curto e apresentando um processo de uniformidade e universalidade) e o processo psicológico do desenvolvimento (as sucessivas fases apresentadas pelas crianças durante a aquisição de uma linguagem específica).

Tais questões esclarecidas podem melhorar o desempenho do professor de língua materna, em especial das séries iniciais, na sua prática cotidiana, para que esteja estreitamente relacionado com as descobertas decorrentes dos estudos científicos da linguística.

Porém, a teoria gerativa veio rejeitar uma concepção de aprendizagem bastante difundida na metade do século: estimulo - resposta, reforço de vida ao behaviorismo, que atribuía à aquisição da linguagem o seguinte processo.

Os behavioristas queriam explicar a aquisição da linguagem atribuindo à criança ao nascer já com algumas habilidades gerais. Primeiramente, ela seria capaz de vocalizar, logo em seguida processava a vocalização em outros similares. Poderia ter a capacidade de relacionar a vocalização “mãe”. Além disso, a criança nasceria com impulsos básicos que a motivariam a formar associação. Tais associações reais que se formariam como entre a palavra “mamãe”. (INGRAM,1989).

Segundo Castro (1992), já como forma de oposição ao caráter excessivamente formal e distante da realidade social da metodologia estruturalista, surge, então, na segunda metade do século XX, com Chomsky, uma nova proposta de análise linguística menos preocupada com os dados linguísticos e mais interessada pela elaboração de uma teoria que explique não apenas as frases efetivamente realizadas, mas as que poderiam potencialmente ser produzidas pelo falante: a Gramática Gerativa Transformacional .

É graças a essa nova proposta que a Linguística, hoje, é descritiva e explicativa. Tendo como pano de fundo essa nova perspectiva, aparecem, então, as ciências interdisciplinares.

**I CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM**

Para iniciar-se uma abordagem em torno do tema “linguagem” é importante definirmos o que é, e em que aspecto será abordado tal temática. Neste sentido, a linguagem é caracterizada como um código, assim pode ser dito, organizado por informações que podem ser gestos, sinais, sons, símbolos ou mesmo palavras vocalizadas ou escritas, que são usados para a comunicação.

A linguagem, uma forma de conhecimento, é abordada no gerativismo pela vinda do inatismo. A proposta de Chomsky possui caráter inatista, dando origem à teoria mentalista, no sentido em que vê o conhecimento como uma sequência de representações e processos mentais, ou seja, o homem não tem acesso direto ao mundo, pois tal acesso é mediado por operações mentais.

Chomsky não ignora que as interações sociais influenciam o desenvolvimento da linguagem e do conhecimento, no entanto defende que toda composição realizada é apropriada do sujeito, em outras palavras, é inato do indivíduo. Explica que o organismo – da criança – é que impõe suas condições inatas ao ambiente e não o ambiente que influencia o ser.

Sitientibus (1995) afirma que o triângulo euclidiano era produzido pela mente por meio desse estímulo, porque os mecanismos da mente eram baseados nos princípios da geometria euclidiana e produziam essas figuras, formando-os a partir de seus próprios recursos e princípios estruturais.

Essa abordagem hoje, já tem um bom conhecimento de como esses processos operam, incluindo-se alguma compreensão dos mecanismos físicos envolvidos nos estímulos. Platão atribuiu esses conhecimentos a vidas passadas.

No entanto, a teoria gerativa, retoma essas questões onde explica que a aquisição da linguagem fornecerá evidências para a pertinência dessas questões ao verificar-se que as crianças adquirem certo conhecimento linguístico num espaço de tempo bastante curto, sem se quer ter nenhuma experiência de aprendizado.

Sitientibus (1995, pg. 115 e 116) salienta, ainda, o fato de emitir palavras as quais ainda não haviam sido expostas, ou seja, a pobreza de estímulo e caráter da linguagem. Esse fato surpreendente deve, portanto, ser explicado e a teoria gerativa, que por sua vez dá noções a herança genética. A qual especifica o estágio inicial da faculdade da linguagem, assim como determina se teremos braços ou não, uma vez que condições externas permitiriam a maturação do individuo.

**II GERATIVISMO DE CHOMSKY**

Chomsky (1978) relata que os seres humanos possuem um estado inicial (So) que antecede a experiência, e ao passar por uma série de circunstâncias, atinge o estado estacionário (Ss) que pode acontecer no período da puberdade, não obrigatoriamente, este fato é algo variável. O próprio Chomsky (1978, p.165) *apud* CUNHA (2004, p.21) explica que “a experiência é necessária para atingir o estado estacionário, e podemos então considerar o estado inicial como sendo, de fato, uma função que aplicaa experiência sobre o estado estacionário”.

Partindo deste ponto, é importante mencionar sobre a Gramática Universal (GU), que é a forma como Chomsky denomina o estado inicial do indivíduo. “Deve-se entender por GU, o conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis.” (KENEDY, 2007, p. 135)

Para que a gramática universal seja colocada em prática pelo sujeito, é necessário que o *input* seja ativado. Mecanismo inato que justifica o fato de as crianças serem capazes de induzir em curto tempo, seus conhecimentos em torno da língua, diante das provocações, é ativado quando o indivíduo percebe a fala ao seu redor, neste caso a pronúncia de palavras por outras pessoas.

Nesta teoria, as propriedades da língua são transmitidas geneticamente por isso, a argumentação de a aquisição da linguagem ser inata, já que as crianças conheceriam antes mesmo de terem contato com o meio em que viverão.

Contudo, esse conhecimento inato só é ativado no contato com o outro/falante, trabalha a partir de sentenças (*input*) e gera como resultado a gramática da língua à qual a criança estava exposta, por

meio de um dispositivo. Mas para que o processo se inicie, não basta essa capacidade inata, é preciso que a criança esteja em um determinado meio (social, cultural etc.), em que haja pessoas falando, para que seja estimulada a falar (performance). Chomsky usa a metáfora da fechadura para explicar tal processo: cada criança nasceria com uma fechadura, pronta para receber uma chave; cada chave acionaria a aquisição de uma língua diferente, daí todas nascerem com a mesma capacidade e poderem adquirir as mais diferentes línguas. (DUARTE, 2001, p.40)

Outro estudioso do gerativismo/mentalismo,é Radford (1993) que descreveu quatro fases, as quais toda criança vive durante a aquisição da linguagem. Tais fases auxiliam a compreender o processo de maturação sobre os elementos linguísticos. Na fase 1 denominada “pré-linguística”, ocorre por volta de 0 a 1 ano de idade; neste período não há palavras por parte da criança, apena gestos e balbucios (sons). Por torno de 1 ano a 1 ano e meio, aproxima-se a fase 2, “uma palavra”, quando a criança resume uma frase ou pequenas sentenças em apenas uma palavra. Por exemplo, para a frase: “O bebê quer água?”, a criança responderá “aga”, para demonstrar seu desejo por água. É importante afirmar que a criança ainda não pronunciará as palavras de maneira correta.

Na fase 3, por volta de 1 ano e meio a 2 anos de idade, a criança consegue pronunciar as palavras em ordem em uma frase, mas ainda não conhece todas as categorias e exclui, por exemplo, os artigos da sua fala, entre outras classes gramaticais. Esta fase é conhecida como multivocabular inicial. Já na fase seguinte, multivocabular tardia (etapa 4), a criança pronuncia frases inteiras, atribuindo sentido na ordem da fala, caso um adulto dia “O bebê água quer?”, a criança logo estranhará, percebendo que há algo errado na frase e hesitará em responder.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A linguagem é um processo complexo de ser examinado, repleto de riquezas e detalhes, requer a necessidade de reflexão sobre as teorias construídas, a fim de decisão sobre qual melhor se aplica a determinados contextos.

Neste artigo, a teoria mentalista ganhou espaço, por defender que o ser humano já possui uma bagagem linguística, independente da interação com o meio que vive. Dependendo deste, apenas para praticar e exteriorizar seu saber já inato.

Com o uso de alguns dispositivos, como o *input* e a Gramática Universal, próprios da teoria, o sujeito avança progressivamente em quatro fases, até atingir a plenitude da fala. Mas isto não significa que o ser está pronto, visto que dia após dia, a Língua sofre modificações e vai sendo atualizada conforme o contexto cultural, social e pessoal em que se vive.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CASTRO, M.F.P. Aprendendo a argumentar: um momento na construção da linguagem.Campinas.SP.: Unicamp, 1992.

CHOMSKY, Noam. A propósito das estruturas cognitivas e do seu desenvolvimento: uma resposta a Piaget. In: PIATELLI−PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978.

CHOMSKY, Noam. A abordagem lingüística. In: PIATELLI−PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978.

CHOMSKY, Noam e FODOR, Jerry. Exposição do paradoxo. In: PIATELLI−PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978.

CUNHA, Ana Paula Nobre da. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, UFEPE, Pelotas, 2004.

DUARTE, Fábio Bonfim. O mentalismo, o empirismo e o funcionalismo nos estudos da linguagem. Artigo publicado na revista SOLETRAS , Ano I, n. 02. São Gonçalo : UERJ, jul./dez. 2001.

INGRAM, D.First Language acquisition: method, description, and explanation.Cambridge: University Press, 1989.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de linguística. Editora Contexto, 2007.

SITIENTIBUS, Feira de Santana, n.13, p.115-120, jul./ dez.1995.